

Elizabeth Hoyt

PRAZERES INFAMES

Tradução
Luís Filipe Silva

*Quinta Essência**

Capítulo 1



*Era uma vez, uma rainha tão linda quanto sábia,
que vivia numa terra bem no outro lado do mundo,
e se chamava Cabelo Asa de Corvo...*

– de Rainha Cabelo Asa de Corvo

LONDRES, INGLATERRA

OUTUBRO DE 1737

A filha de um duque cedo aprende na vida a devida etiqueta para quase tudo. Em que prato se serve um assado de cotovia. Quando cumprimentar uma condessa viúva de reputação algo duvidosa e quando lhe virar a cara. O que vestir num passeio de bote pelo Tamisa e como rebater os assédios inebriados de um conde com parcos rendimentos durante o piquenique.

Tudo, efetivamente, refletiu Lady Hero Batten com ironia, menos a forma de abordar um cavalheiro em enérgica cópula com uma senhora casada – que não a sua.

– Ahem – pigarreou à experiência, desviando a vista para contemplar com muita atenção as peras em alto relevo desenhadas no teto.

As duas presenças deitadas no canapé não deram sinais de a terem ouvido. A senhora soltou uma sequência de guinchos

animalescos, mal abafados pelos saíotes do atroz vestido às riscas castanhas e avermelhadas, levantados a ponto de lhe taparem a cara.

Hero suspirou. Encontrava-se numa saleta, minúscula e parcamente iluminada, contígua à biblioteca da Mansão Mandeville, que escolhera ao acaso para ajustar a meia – decisão de que já se arrependera. Tivesse optado pelo quarto azul de estilo oriental, não só ostentaria agora uma meia geometricamente alinhada como já teria regressado ao salão de baile, longe desta situação embaraçosa.

Com cautela, fez descer a vista. O cavaleiro, ostentando uma peruca branca, desfizera-se do casaco de cetim trabalhado e dedicava-se à senhora em mangas de camisa e colete esmeralda brilhante. Desapertara calções e roupa interior para melhor cumprir a sua função, com o resultado de expor mais ou menos da sua nádega musculada, consoante o movimento era de ida ou de vinda.

«Uma visão hipnotizante», pensou ela, lamentando-se por isso. Aquele cavaleiro, fosse quem fosse, tinha atributos físicos deveras espantosos.

Hero afastou o olhar e prendeu-o na porta. Poucos a censurariam se desse meia-volta e saísse em bicos de pés. E teria assim procedido não fosse o caso de ter passado por Lorde Pimbroke há menos de dois minutos, mesmo antes de entrar nesta sala. Acontece que Hero, no início da noite, reparara no atroz vestido às riscas castanhas e avermelhadas, sabendo que pertencia a Lady Pimbroke. E assim, por muito que lhe repudiasse uma situação constrangedora para a sua pessoa, preferia magoar os seus sentimentos que permitir um duelo entre os dois homens, terminando em ferimentos ou morte.

Chegando a esta conclusão, Hero decidiu-se, tirou um dos brincos de diamante e lançou-o contra o traseiro do cavaleiro. Sempre se vangloriara em silêncio da sua pontaria, embora de pouco lhe servisse no dia a dia, e foi com apreço que escutou o berro masculino.

O homem praguejou e virou-se, encarando-a por cima do ombro com os olhos mais verdes e gloriosos que ela jamais encontrara. Não era esbelto – tinha a pele esticada sobre as maçãs do rosto, um nariz torto, e uma boca muito fina e cínica para representar a verdadeira beleza masculina –, mas o olhar chamaria qualquer mulher, nova ou velha, que estivesse na sala. E, assim chamada, essa mulher ficaria presa naquele ar de virilidade arrogante de macho, que era tão natural naquele homem como o próprio ato de respirar.

Ou talvez fossem as meras, ah, *circunstâncias* que lhe conferiam tal aspeto.

– Importa-se, querida? – disse pausadamente, a expressão de raiva transformando-se numa de ligeiro divertimento quando a viu. A voz, arreliada, parecia não ter pressas. – Estou a modos que ocupado.

Ela sentiu o calor enrubescer-lhe as faces – estava perante uma situação impossível –, mas aguentou a troca de olhares, garantindo apenas que o dela não deslizava mais abaixo.

– Realmente. Já *tinha* percebido, mas supus que Vossa Senhoria devia saber.

– A não ser que seja das que gostam de assistir?

Ficou então de cara em fogo, mas não permitiria que aquele *patife* ganhasse verbalmente. Deixou o olhar cair rápida e desdenhosamente para o colete e camisa amarrotados – por sorte, a cauda da camisa ocultava os calções abertos – e voltou acima. Sorriu, cheia de doçura.

– Prefiro espetáculos que não me ponham em risco de adormecer.

Pensava que o insulto o enfurecesse, mas, pelo contrário, o velhaco continuava divertido.

– Acontece-lhe muito, amorzinho? – a voz dele soava apreensiva, mas uma covinha matreira nascera ao lado dos amplos lábios. – Adormecer quando a brincadeira está prestes a começar? Bem, não se martirize. O mais certo é que a culpa seja do seu cavalheiro e não sua.

Céus, ninguém jamais se lhe dirigira assim!

Lenta e terrivelmente, Hero arqueou o sobrolho esquerdo. Sabia que era lento e terrível, aquele gesto, pois praticara-o durante horas diante do espelho quando tinha doze anos. Conseguiu pôr matronas calejadas a tremer.

O endiabrado daquele homem nem sequer pestanejou.

– Bem, por outro lado – continuou de forma desagradável – , as minhas senhoras não padecem desse nefasto mal. Fique e observe e aprenderá alguma coisa, garanto-lhe. E se me restarem forças a seguir, talvez possa demonstrar...

– Lorde Pimbroke, está no corredor! – despejou antes que ele concluísse o raciocínio ignóbil.

O monte de saias às riscas castanhas e avermelhadas agitou-se.

– Eustace está cá?

– Efetivamente. E vem a caminho deste quarto – Hero informou Lady Pimbroke com um tudo-nada de satisfação.

O cavalheiro entrou em ação. Antes que Hero pudesse piscar os olhos, saltou de cima, e de dentro, da senhora, puxando para baixo os saíotes de modo a tapar as coxas pálidas e macias. Agarrou no casaco, soltou um olhar perscrutador ao quarto e virou-se para Hero, com uma voz ainda pausada.

– Lady Pimbroke rasgou uma fita ou laço ou algo parecido, e a senhora gentilmente acedeu a ajudá-la.

– Mas...

Ele encostou o indicador aos lábios dela – quente, grande e chocantemente inapropriado. Ao mesmo tempo, uma voz masculina chamou do corredor.

– Bella!

Lady Pimbroke – ou Bella – guinchou de medo.

– Linda menina – sussurrou o velhaco ao ouvido de Hero. Virou-se para Lady Pimbroke, beijou-lhe a face e murmurou: – Não se deixe perturbar, caríssima, antes de desaparecer debaixo do canapé.

Hero teve apenas um instante para ver o rosto bonito e insípido de Lady Pimbroke ficar cinzento quando esta se apercebeu do perigo que corria, antes de a porta da saleta ser escancarada.

– Bella! – manifestou-se Lorde Pimbroke: grande, vermelho e nitidamente inebriado. Beligerante, notou Hero, e ficou consternado. – Minha senhora, o que?

– Lorde Pimbroke – Hero colocou-se descontraidamente diante do canapé para tapar um calcanhar grande e masculino com as saias amplas.

Recorreu ao sobrolho esquerdo.

Lorde Pimbroke chegou a recuar um passo – o que a satisfez, após a reação do velhaco a este gesto – e gaguejou:

– Eu... eu...

Hero virou-se para Lady Pimbroke, tocando ao de leve na horrível trança amarela que decorava o cotovelo do vestido.

– Já está arranjada, não concorda?

Lady Pimbroke reagiu.

– Ah! Ah, sim, obrigado, minha senhora.

– Não tem de quê – disse Hero, baixinho.

– Se já terminou, minha cara – disse Lorde Pimbroke –, talvez esteja disposta a regressar ao salão?

As palavras podiam ter formado uma pergunta, mas o tom de voz denunciava outra coisa.

Lady Pimbroke tomou-lhe o braço, amuada.

– Sim, Eustace.

E com uma despedida ligeira, saíram os dois da sala.

Quase de imediato, Hero sentiu um puxão nas saias.

– Eh! Mal posso respirar aqui em baixo.

– Eles podem regressar – disse ela serenamente.

– Acho que consigo espreitar pela sua saia.

Ela afastou-se de imediato.

O patife saiu debaixo do canapé e endireitou-se. Era mais alto do que ela.

Mesmo assim, ela empertigou o nariz para olhá-lo com sobranceria.

– Não viu.

– Ora, ora. Se tivesse visto, não julga que diria, pois não?

Ela fungou, parecendo a prima Bathilda nas suas reações mais pedantes.

– Sem dúvida que espalharia aos quatro ventos.

Ele inclinou-se sobre ela, sorrindo.

– Pensar nisso excita-a?

– A sua peruca ficou mais apertada? – perguntou Hero, delicadamente.

– Como?

– Porque deve ser desconfortável usar peruca quando se tem a cabeça inchada.

O sorriso dele tornou-se frívolo.

– A minha cabeça não é a única parte de mim que é desproporcionada, asseguro-lhe. Talvez seja por isso que entrou na sala? Para dar uma espreitadela?

Ela rodou os olhos.

– Não tem qualquer ponta de vergonha, pois não? Qualquer homem fingiria ao menos sentir-se humilhado quando apanhado em flagrante, mas você pavoneia-se como um galo de capoeira.

Ele interrompeu-se no ato de vestir o casaco, um braço esticado, a manga meio enfiada, e esbugalhou os lindos olhos verdes.

– Ah, claro. Moralista. Obviamente que se julga superior a mim quando...

– Apanhei-o a cometer adultério!

– Apanhou-me a cometer uma *queca* muito agradável – disse ele com ênfase demorada.

Ela vacilou ante a crueza das palavras mas manteve-se firme. Era a filha de um duque e não fugiria perante um homem daqueles.

– Lady Pimbroke é uma mulher casada.

– Lady Pimbroke teve inúmeros amantes antes de mim e terá inúmeros amantes depois de mim.

– Isso não perdoa o *seu* pecado.

Ele encarou-a e riu-se – riu-se mesmo – de modo lento e profundo.

– E a senhora nunca pecou, é isso?

Ela nem teve de pensar no assunto.

– Obviamente.

A boca dele contorceu-se cruelmente.

– Tanta certeza.

Ela encarou-o, afrontada.

– Duvida da minha palavra?

– Não, muito pelo contrário. Acredito piamente que nenhum pensamento pecaminoso terá atravessado o seu espiritozinho perfeito.

Ela empinou o queixo com entusiasmo – era a primeira vez que discutia com um cavalheiro e, ainda por cima, desconhecido.

– E começo a duvidar que um pensamento honrado tenha atravessado o seu espiritozinho desavergonhado.

Ele mirou-a por instantes: no maxilar um músculo entrara em convulsões. Curvou-se abruptamente numa vénia.

– Agradeço-lhe por ter agido contra as suas convicções e impedir que eu tivesse de matar Lorde Pimbroke.

Ela anuiu de forma tensa.

– E espero ardentemente que os nossos caminhos não voltem a cruzar-se, Lady Perfeita.

Estranhamente, Hero sentiu-se magoada pelas palavras depreciativas, mas não deixou transparecer esta reação de fraqueza.

– Rezarei com toda a força para nunca ter de suportar a *sua* presença de novo, meu Lorde Desavergonhado.

– Temos então acordo.

– Efetivamente.

– Ótimo.

Fitou-o, por instantes, sentindo os seios comprimindo-se contra o espartilho quando inspirava e um rubor na cara. No ânimo da discussão, tinham-se aproximado e o peito dele estava quase encostado às ataduras do seu corpete. Ele também a fitava, os olhos muito verdes naquele rosto desprezível.

Olhos que descera para a boca dela.

Os lábios de Hero abriram-se e, por um segundo interminável, ela esqueceu-se de respirar.

Ele virou-se e transpôs rapidamente a porta, desaparecendo no corredor escuro.

Hero pestanejou, entontecida, e inspirou com um arrepio enquanto observava a sala. Havia um espelho montado na parede; aproximou-se para perscrutar o seu reflexo. Ainda tinha o cabelo ruivo penteado com elegância e o lindo vestido verde-prata alinhado devidamente. A cara parecia um pouco rosácea, mas a cor beneficiava-a. Estranho, não parecia estar muito mudada.

Bem. Só podia ser bom.

Esticou os ombros para trás e saiu da sala, o passo elegante mas despachado. De todas as noites possíveis, era importante que apresentasse uma postura serena, adorável e perfeita, pois hoje seria anunciado o seu noivado com o marquês de Mandeville.

Hero empertigou o queixo, ao lembrar-se do desdém daquele estranho quando lhe chamou *perfeita*. O que teria ele contra a perfeição?

MALDITAS TODAS AS MULHERES perfeitas e presunçosas – e aquela meretriz ruiva na sala de estar, acima delas!

Lorde Griffin Reading irrompeu no salão de baile do irmão com um péssimo humor. Fedelha maldita! Ficara ali, parada, com ar desaprovador e arrogante e ainda ousara mostrar-se *sobranceira*. Provavelmente nunca fora assolada por uma ânsia humana e sincera em toda a sua vida demasiado protegida.

O único sinal que mostrara o embaraço dela haviam sido as marcas rosáceas que subiram pela garganta delicada e pálida quando olhou para ele. Griffin gemeu. Aquele rosto severo mataria a pujança de qualquer homem.

A não ser que provocasse a reação oposta, conforme acontecera a ele – e não por causa da interrupção antes de terminar o ato com Bella. Não, a possibilidade de ser descoberto por um marido irado, seguido rapidamente por um duelo sangrento pela manhã, arrefecera-lhe o ardor com muita eficácia, obrigado. Mas, quando saiu do esconderijo no canapé, já se encontrava calmo de corpo e espírito... até ter trocado palavras acesas com aquela dama tão cheia de virtude. O membro terá presumido que a discussão seria um preâmbulo bizarro para o sexo, apesar da óbvia respeitabilidade da senhora, da hostilidade com que o tratou, e do desagrado imediato que sentiu por ela.

Griffin parou num canto escuro, tentando acalmar-se enquanto sentia o brinco de diamantes no bolso. Encontrara-o debaixo do canapé e tencionara devolvê-lo à Lady Perfeita, mas a língua cáustica distraíra-lhe a atenção do berloque. Bem feita para ela, perder aquele brinco bonito, se era assim que se dirigia a um cavalheiro.

Rodou o ombro. Quando entrara no salão de baile, há meia hora, nem sequer tivera tempo para cumprimentar a mãe e irmãs antes de Bella o desviar com uma sugestão maliciosa. Se soubesse que o marido também se encontrava presente, não se prestaria a um encontro tão perigoso.

Griffin suspirou. Mas era demasiado tarde agora para autorrecremações. Preferia guardar o episódio embaraçoso nas memórias de *Coisas a Esquecer o Mais Depressa Possível* e seguir em frente. Megs e Caroline não se importariam com o seu desaparecimento inusitado, mas Mater sem dúvida que o procurava. Não valia a pena adiar o inevitável. Com um puxão final no lenço do pescoço para garantir que estava direito, Griffin entrou no salão.

As luzes ardiam nos lustres de cristal suspensos no alto sobre uma verdadeira multidão. Destinava-se a ser o evento da época e nenhum elemento da sociedade londrina queria perdê-lo. Griffin começou a abrir caminho pela massa de corpos vestidos com várias cores, progresso frequentemente interrompido pela necessidade de cumprimentar velhos amigos e conhecidos cheios de curiosidade.

– Tão gentil da sua parte, ter aparecido, meu querido – disse uma voz seca ao seu lado.

Griffin afastou a atenção do dueto de jovens matronas com sorrisos afetados que lhe tapavam o caminho e inclinou-se para depositar um beijo na cara da mãe.

– Senhora. Bons olhos a vejam.

Palavras ditas por hábito, mas uma emoção verdadeira acompanhava-as. Há um ano que não voltava a Londres e haviam decorrido oito meses desde que a mãe o visitara na propriedade da família em Lancashire. Inclinou a cabeça, estudando-a. O cabelo fino, entrançado elegantemente sob uma touca de renda, podia ostentar alguns traços grisalhos a mais, mas de resto o rosto estimado não mostrava mudanças. Os olhos castanhos, delineados com rugas do riso, eram muito inteligentes, a boca levemente curvada ocultava um sorriso afetuoso, e as sobrancelhas direitas curvavam-se num arco de diversão perpétua que correspondia à sua.

– Está moreno como um fruto seco – murmurou ela, levando um dedo à face do filho. – Suponho que tenha percorrido as terras a cavalo.

– Perspicaz como sempre, minha querida mãe – disse ele, oferecendo o braço.

Ela tomou cotovelo com cotovelo.

– E como está a colheita?

Um toque de dor latejou-lhe na testa, mas Griffin respondeu com ânimo.

– Boa o suficiente.

Ele pressentiu o olhar preocupado.

– A sério?

– Foi um verão seco, pelo que tivemos uma menor colheita do que previsto – um eufemismo delicado para uma colheita abismal. A propriedade deles não era muito fértil à partida (algo que a mãe já conhecia), mas não se ganhava nada em deixar a mãe preocupada. – Não tema que os cereais correrão melhor.

Foi deliberadamente vago acerca do modo como faria os cereais correrem melhor. Era a sua cruz, que ele tinha de suportar em prol da mãe e do resto da família.

A resposta pareceu tranquilizá-la.

– Ainda bem. Lorde Bollinger parece mostrar interesse em Margaret e ela vai precisar de vestidos novos para esta época. Não quero sobrecarregar os nossos fundos.

– Não constitui problema – retorquiu, embora fizesse cálculos rápidos de cabeça. Era, como sempre, uma solução de último remédio, mas conseguiria arranjar o dinheiro... desde que não sofresse mais perdas. A dor de cabeça ficou mais forte. – Compre a Meg todas as ninharias que ela quiser. A bolsa da família consegue pagar.

O traço de preocupação que decorava a testa da mãe suavizou-se.

– E claro, temos o Thomas.

Já esperava que o irmão viesse à baila, mas não conseguia evitar um ligeiro endurecimento dos músculos.

Obviamente que Mater também notou.

– Estou tão contente por ter vindo, Griffin. Chegou o momento de pôr estes pequenos contratempos entre vocês para trás das costas.

Griffin fungou de desdém. Não acreditava que o irmão considerasse o assunto como um «pequeno contratempo». Thomas agia com justeza em todos os assuntos e não teria discutido com Griffin se considerasse o motivo trivial. Caso contrário, deixaria que as emoções o dominassem, o que era anátema na

perspetiva do irmão. Por instantes, o olhar aberto e cinzento de Lady Perfeita surgiu-lhe ao pensamento. *Ela*, sem dúvida, estaria plenamente de acordo com a personalidade arrogante-mente correta de Thomas.

Griffin fez um esforço para mostrar-se agradado com a ideia de reencontrar o irmão.

– Obviamente. Será maravilhoso falar com Thomas.

Mater franziu o cenho. Afinal, Griffin teria de melhorar a sua expressão de contentamento forçado.

– Tem noção de que ele sente a sua falta?

Ele lançou-lhe um olhar incrédulo.

– É verdade, sente – insistiu ela, embora surgissem nesse instante duas manchas de rubor na sua face... até Mater nutria dúvidas a respeito da receção por parte de. – Este distanciamento deve terminar. Não faz bem à família nem a nenhum de vocês, e decerto que a *mim* também não. Porque se terá arrastado durante tanto tempo, jamais entenderei.

Passou pelo canto do olho de Griffin um relampejo de verde-musgo e ele virou-se, o pulso acelerando-se. Mas a senhora que envergava esse vestido já se misturara na multidão.

– Griffin, preste atenção – sibilou a mãe.

Ele sorriu-lhe.

– Lamento, pensei que tinha visto alguém que eu pretendia evitar.

– Estou certa de que haverá um sem-número de senhoras de má reputação que deseja evitar.

– Esta tem um excesso de boa reputação – disse ele com facilidade. A mão descera para o bolso do casaco, para tocar no pequeno brinco de diamantes. Devia devolver-lho...

– A sério? – por instantes, ele pensou que a mãe se deixaria desviar da sua arenga. Mas ela acabou apenas por abanar a cabeça. – Não tente mudar o assunto. Há três anos que Thomas e o senhor começaram esta discussão deplorável e os meus nervos estão nas últimas. Não vou aguentar ter de ler outra carta

insensível entre os dois nem de cear com receio do que vou dizer, com medo de tocar no tópico errado de conversa.

– Pax, Mater – riu-se Griffin e inclinou-se para beijar a face indignada. – Thomas e eu apertaremos as mãos e faremos as pazes como rapazes bem-educados e ceará connosco enquanto eu permanecer em Londres.

– Promete?

– Sobre a minha honra – levou a mão aberta ao peito. – Vou ser tão agradável e bonzinho que nem Thomas conseguirá deixar de banhar-me com manifestações de amor fraternal.

– Pois – disse ela. – Esperemos que sim.

– Nada neste mundo – garantiu ele à mãe – poderá impedir-me.

– FELIZ?

Hero virou-se ao ouvir a voz masculina e profunda do seu irmão mais velho, Maximus Batten, duque de Wakefield. Por instantes, a mente bloqueou a pergunta. Nos dois meses de combinações para preparar o noivado com o marquês de Mandeville, Maximus perguntara-lhe constantemente se a união era do seu contentamento, mas jamais se se sentia *feliz*.

– Hero? – As sobrancelhas negras e direitas de Maximus uniram-se sobre o nariz um tudo-nada arrogante.

Não era a primeira vez que ela considerava ser o aspeto de Maximus perfeitamente adequado à sua posição. Quem fechasse os olhos e tentasse pintar intimamente a imagem do duque perfeito, apareceria a dele. Era alto, de ombros largos mas não pesados, rosto alongado e estreito e um pouco dominador a mais para ser considerado esbelto. Tinha cabelo castanho-escuro – embora o cortasse rente, pois usava perucas brancas imaculadas – e olhos morenos a combinar. Tais olhos eram normalmente considerados como os mais calorosos, mas um relance impaciente de Maximus eliminaria *esta* crença do

espírito de qualquer pessoa. Calor era a última característica que se associaria ao duque de Wakefield. Apesar de tudo, era o seu irmão.

Hero sorriu-lhe.

– Sim, estou muito feliz.

Terá sido alívio o que descobriu nos olhos austeros? Por instantes, sentiu um rompante traiçoeiro de irritação. Maximus não mostrara até agora que a felicidade dela pudesse representar um fator no casamento. Consolidar terras e interesses, fortalecer a aliança parlamentar com Mandeville, eis as considerações importantes. Os sentimentos dela, como bem sabia, não entravam nas negociações. E, pela parte que lhe tocava, não havia problema. Era a filha de um duque, nascera ciente de qual o seu propósito e lugar na vida.

Maximus comprimiu os lábios, perscrutando o salão de baile cheio de convivas.

– Queria que soubesse que tem ainda tempo para mudar de ideias.

– Tenho? – olhou para o salão de baile. A mansão Mandeville encontrava-se decorada com primor. Tapeçarias azuis e prateadas, as cores da família Batten, entrelaçavam-se no negro e no escarlate dos Reading. Vasos de flores adornavam todas as mesas e o marquês contratara e apetrechara a rigor um verdadeiro pelotão de criados. Hero encarou o irmão. – Os contratos já foram acordados e assinados.

Maximus franziu o cenho em desagrado ducal.

– Se quisesse realmente fugir a este noivado, eu poderia quebrá-lo.

– É muito generoso da sua parte – Hero sentiu-se tocada pela oferta abrupta de Maximus. – Mas estou muito satisfeita com o meu noivado.

Ele anuiu.

– Então creio que chegou a hora de nos juntarmos ao seu pretendente.

– Com certeza – a voz era firme, mas os dedos tremeram um nada quando os pousou na manga azul-escura do irmão.

Maximus, felizmente, não se deu conta. Conduziu-a para um dos cantos do salão, sem pressas, embora com a determinação que lhe era habitual. Hero perguntava-se, por vezes, se o irmão notava sequer que o facto de caminhar sem incidentes devia-se às pessoas afastarem-se depressa da sua frente.

Um homem estava de costas para eles, na berma do espaço de dança. Trajava um negro solene e, na cabeça, uma peruca de cor branco-neve. O coração de Hero saltou, incrédulo. Algo na disposição dos ombros e na saliência do queixo visto de perfil lhe faziam recordar o patife com quem discutira há minutos. Depois ele virou-se e ela curvou-se em cortesia ao marquês de Mandeville, admoestando-se mentalmente pela imaginação tola. Era difícil imaginar alguém *menos* parecido com o Lorde Desavergonhado do que o seu amado.

Mandeville era alto e esbelto, mas de forma adequada. Se ele sorrisse mais vezes, o seu aspeto aproximar-se-ia perigosamente do belo. Contudo, a beleza num marquês representaria uma falha, e *falha* era o último atributo imputável ao marquês de Mandeville.

– Vossa Graça. Lady Hero – Mandeville efetuou uma vénia elegante. – Encontra-se ainda mais encantadora hoje do que é habitual em si, minha senhora.

– Obrigada, meu senhor – Hero sorriu-lhe e ficou contente por perceber um ligeiro suavizar dos lábios normalmente sérios.

Depois o olhar dele transitou para um dos lados da cabeça dela.

– Cara senhora, está a usar apenas um brinco?

– Estou? – Hero apalpou automaticamente as duas orelhas, o rosto enrubescendo ao lembrar-se do que ocorrera ao brinco extraviado. – Deus do céu, devo ter perdido o outro.

Apressada, retirou o brinco solitário e entregou-o ao irmão para que o guardasse no bolso.

– Assim é melhor – disse Mandeville, anuindo com aprovação. – Vamos? – colocou a pergunta para ela mas observou Maximus.

Maximus concordou com um gesto.

Mandeville fez sinal ao mordomo, mas o salão já se tornava mais silencioso à medida que os convidados se viravam para eles. Hero estampou um sorriso sereno na cara, mantendo uma postura direita e quieta, tal como havia sido ensinada desde pequena. Uma senhora do seu estatuto jamais mostrava impaciência. Detestava sentir-se o centro das atenções mas era consequência da sua posição como filha de um duque. Lançou um relance a Mandeville. Quando fosse marquesa, atrairia ainda mais olhares.

Como devia ser.

Hero suprimiu um ligeiro suspiro, inspirou e expirou lenta e suavemente, imaginando-se uma estátua. Era um truque antigo para enfrentar eventos como este. Tornava-se a casca perfeita e oca da imagem da filha de um duque. Ela, a mulher no seu interior, não precisava de estar presente.

– Amigos – bramiu Mandeville. Era famoso pelos poderes de oratória no Parlamento, a voz rica e profunda. Hero pensou que havia ali um toque teatral, também, mas jamais lhe diria isso. – Dou-vos as boas-vindas esta noite para uma celebração assaz importante: o meu noivado com Lady Hero Batten.

Virou-se e tomou-lhe a mão, inclinando-se e beijando de forma muito graciosa os dedos. Hero sorriu e curvou-se ante o aplauso dos convidados. O casal endireitou-se e foram imediatamente cercados por toda a gente, que não perdeu tempo a aproximar-se para despejar felicidades.

Hero agradecia a uma condessa idosa e bastante surda quando Mandeville lhe disse, nas costas:

– Ah, Wakefield, Lady Hero, gostaria de lhe apresentar uma pessoa.

A rapariga virou-se para deparar com um olhar verde malicioso. Hero não reagiu, ficou a olhar, enquanto o Lorde Desavergonhado fazia uma vénia e lhe tomava a mão, raspando lábios macios e quentes na sua pele.

Atordoadada, escutou Mandeville anunciar, a seu lado:

– Minha cara, apresento-lhe o meu irmão, Lorde Griffin Reading.

Capítulo 2



A rainha Cabelo Asa de Corvo mandava no reino com justiça e paz desde a morte do marido, o rei. Mas não é fácil para uma mulher manter o poder num mundo de homens. Pese embora o séquito de conselheiros e ministros e intelectuais que lhe prestavam apoio, não podia confiar plenamente em nenhum deles. Motivo pelo qual, todas as noites, a rainha Cabelo Asa de Corvo se assomava à janela com um passarinho castanho preso nas mãos em concha. Sussurraria à ave os segredos e preocupações que lhe atormentavam a alma e depois, abrindo as mãos, libertava-a na noite, para que levasse consigo todas as maleitas do seu íntimo...

– de Rainha Cabelo Asa de Corvo

Hero inspirou profundamente e estampou um sorriso social – nem amplo nem diminuto – no rosto. Era uma expressão assaz intermédia que em nada traía o choque de descobrir que o Lorde Desavergonhado seria em breve cunhado dela.

– Tenho muito prazer em conhecê-lo, Lorde Griffin.

– Tem, mesmo? – continuava debruçado sobre a mão dela, de modo que Hero foi a única pessoa a escutar o murmúrio.

– Obviamente.